

19 - MOZART SORIANO ADERALDO

CADEIRA Nº 19
PATRONO: JOSÉ ALBANO

MOZART SORIANO ADERALDO

MOZART SORIANO ADERALDO, filho de Francisco Antônio Aderaldo e de Elisa Soriano Aderaldo, nasceu no dia 22 de abril de 1917, em Brejo dos Anapurus (Maranhão), terra de sua mãe, vindo aos três anos de idade para o Ceará, terra de seu pai. Depois das primeiras letras com sua tia materna, fez o curso primário no Colégio Cearense do Sagrado Coração, dos Irmãos Maristas; o curso secundário no Liceu do Ceará; transferindo-se para o Rio de Janeiro, fez da primeira à terceira série do curso superior na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, vindo fazer as séries restantes na Faculdade de Direito do Ceará. Novamente no Rio, fez Mestrado em Administração na Escola Brasileira de Administração, da Fundação Getúlio Vargas. E retornando de vez ao Ceará, fez Curso de Doutorado em Direito Público na Faculdade de Direito da UFC. Técnico em Administração, foi Assistente Jurídico da Secretaria de Agricultura do Ceará, Consultor Jurídico do Estado do Ceará; Chefe da Assessoria Técnica do Governo Parsifal Barroso; Chefe da Assessoria do primeiro Governo Virgílio Távora; Ministro (depois Conselheiro) do Tribunal de Contas do Estado do Ceará; Presidente do mesmo Tribunal, em 1973; Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, ministrou aulas de Problemas do Nordeste de 1984 a 1974; no terreno político-administrativo, exerceu o cargo de Prefeito Municipal de Senador Pompeu em 1939 e foi primeiro suplente de Vereador da bancada do Partido Social Democrático na Câmara Municipal de Fortaleza, de 1955 a 1958. Como jornalista, foi repórter d' ***O País,*** *do Rio de Janeiro, no fim da década de 30 e, na seguinte, redator d'* ***O Estado,*** *de Fortaleza; durante muitos anos colaborou n'* ***O Nordeste,*** *jornal de orientação católica. Tem exercido a crítica literária em vários jornais, como o* ***Correio do Ceará,*** *o* ***Unitário, O Povo,*** *a* ***Tribuna do Ceará,*** *etc. Sócio efetivo do Instituto do Ceará, desempenhou várias funções na Diretoria,*

chegando a exercer a Presidência; membro do Conselho Estadual de Cultura, da Secretaria de Cultura do Ceará; sócio efetivo da Sociedade Cearense de Geografia e História e do Instituto Cultural do Cariri, é sócio correspondente de inúmeras entidades, entre as quais o Instituto Histórico, Geográfico e Arqueológico Pernambucano, do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, bem como de entidades congêneres do Maranhão, de Mato Grosso, do Rio Grande do Norte e de Santa Catarina; é ainda sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras, da Academia Sobralense de Estudos e Letras, etc. É portador de várias medalhas, como a Medalha José de Alencar, do Governo do Estado do Ceará, a Medalha do Mérito Cívico, da Liga de Defesa Nacional, a Medalha Barão de Studart, do Instituto do Ceará, a Medalha Boticário Ferreira da Câmara Municipal de Fortaleza, Cidadão Cearense e outros. Tem participado de inumeráveis Congressos literários e jornalísticos. Obras publicadas: ***A Posição do Escritor na Reconstrução do Mundo*** *(1947),* ***Esboço de História da Literatura Brasileira*** *(1948),* ***Colonização das Terras Devolutas do Ceará*** *(1949),* ***Apoemas*** *(1949), poesia, em col. com J. Stênio Lopes;* ***Minha Árvore Genealógica*** *(1952),* ***Livros e Idéias*** *(1954),* ***Pe. Francisco Longino Gulherme de Melo (O Verdeixa Moçoroense)*** *1955;* ***Rolins, Cartaxos e Afins*** *(1971),* ***Velhas Receitas da Cozinha Nordestina*** *(1963), com segunda edição em 1981;* ***Três Estudos*** *(1965),* ***História Abreviada de Fortaleza*** *(1974), com segunda edição em 1993;* ***No Mar de Tiberíades*** *(1984),* ***Livros e Idéias*** *(1987), segunda série;* ***Retalhos Nautiquinos*** *(1988),* ***A Praça*** *(1989), com segunda edição em 1991;* ***O Cacto Amarelo*** *(1990) e uma série de obras jurídicas, entre as quais* ***O Funcionalismo Público e o Estado*** *(1967),* ***A Administração como Instrumento do Progresso*** *(1966),* ***Divórcio*** *(1977) e várias plaquetas com discursos, além de separatas da* ***Revista do Instituto do Ceará,*** *como* ***O Liceu do Meu Tempo*** *(1977),* ***Nos 156 Anos da Independência do Brasil*** *(1979),* ***O Trecho de Rua de Meus Verdes Anos*** *(1979), etc. Comemorando os 100 anos de fundação do Instituto do Ceará, foram editados 12 estudos, sendo o de Mozart Soriano Aderaldo* ***História Literária do Ceará: dos "Oiteiros" ao Grupo Clã*** *(1986). A obra* ***Livros e Idéias,*** *1ª série, obteve o Prêmio Farias Brito da Prefeitura Municipal de Fortaleza em 1954, e* ***Livros e Idéias,*** *2ª série, o Prêmio Estado do Ceará, da Secretaria de*

Cultura, para Ensaio e Crítica, em 1987. Dele disse Artur Eduardo Benevides: "Mozart Soriano Aderaldo é uma das inteligências mais lúcidas que conheço, com excepcional contribuição ao desenvolvimento da cultura cearense, sobretudo no ensaio literário e sociológico e na pesquisa de conteúdo histórico, sempre a serviço dos altos ideais do espírito e da verdade. (...) Escritor e pesquisador dos mais sérios, consciente da importância histórica dos que servem, com dignidade, à Literatura, ele constrói uma obra marcada por excelente lastro filosófico e uma cosmovisão que se apóia na contemplação do eterno." Mozart Soriano Aderaldo é membro do Grupo Clã.

GRUPO CLÃ — 40 ANOS

À fase predominantemente demolidora da Geração 22, seguir-se-ia necessariamente a fase restauradora da Geração 45. Restauradora de, pelo menos, alguns valores.

Foi isso o que aconteceu no Brasil inteiro, no Ceará inclusive. E é desse movimento no Ceará que tratarei nesta memória.

Tendo eu cursado os três primeiros anos de estudos jurídicos na Faculdade do Rio de Janeiro, foi-me dado freqüentar, por igual, o Instituto Católico de Estudos Superiores, embrião da futura Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na autorizada declaração de seu primeiro Reitor, o jesuíta Pe. Leonel Franca. Ali estudei, dentre outras disciplinas, Literatura Brasileira, tendo como mestre Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde dos primeiros tempos.

Foi assim preparado para as atividades literárias que regressei ao Ceará, por imperativo de ordem familiar, concluindo na província o curso jurídico.

Encontrei, de logo, velho companheiro do curso secundário no Liceu do Ceará, que muito me impressionou pela clarividência de seu pensamento — o Antônio Girão Barroso. Encontro que se deu em casa de família de nossas relações, precisamente os pais de Humberto Teixeira, meu antigo companheiro de pensão de estudantes no Rio e que viria a ser conhecido pela alcunha de "Dr. do Baião".

Surgiu em Fortaleza, por essa época, a *Revista Contemporânea*, que o espirito moleque de nosso povo alcunhava de extemporânea, sob a direção do jovem estudante Osmundo Pontes. A ela, por exigência de seu diretor, dei ruidosa entrevista sobre os jovens intelectuais do Ceará e os novos moldes a que se deviam ajustar suas produções.

Não muito depois, realizou-se em Recife um Congresso de Poesia que contou com a participação de Mauro Mota e João Cabral de Melo Neto. A esse Congresso enviaram sua colaboração Antônio Girão Barroso, Otacílio Colares e Aluízio Medeiros, sob o título de "Triangulo de Poesia". Vivíamos o ano de 1941.

No ano imediato, surgiu no Ceará a idéia de se realizar em Fortaleza um Congresso de Poesia, o primeiro deles, pois viria um

segundo, tempos depois. O movimento valeu mais pela reação que provocou do que pelo que nele foi discutido. Então, as sessões preparatórias, interessantemente registradas em crônicas (atas) por Aluízio Medeiros, tiveram sabor especialíssimo. Em Crato (sul do Estado), organizou-se paralelamente um Congresso sem Poesia, liderado por Stênio Lopes (que depois se incorporaria ao Grupo Clã, em início de gestação) e Quixadá Felício, indignados com o fato de se discutir poesia em tempo de guerra.

Não entenderam então (depois, sim) que o movimento se constituía precisamente um protesto contra a guerra, numa materialização daquele verso (de Drummond?) que acusava terem colocado metralhadoras nos jardins. Sua instalação foi solene, no Teatro José de Alencar, tendo o militante do movimento de 28 (repercussão no Ceará da Semana de Arte Moderna de 22) Mário Sobreira de Andrade, ou Mário de Andrade do Norte, como passou a identificar-se, escrito o Manifesto do Congresso, lido pelo quase adolescente Eduardo Campos, que o fez de forma inusitada — de costas para o público. Discursaram, ainda, nessa sessão de instalação o jovem Artur Eduardo Benevides e, representando os remanescentes de Maracajá (órgão dos modernistas cearenses de 28), o já consagrado poeta Filgueiras Lima.

Poucos meses depois, exatamente a 26 de outubro do mesmo ano de 1942, num sítio de Mondubim, arrabalde de Fortaleza, realizou-se um convescote a que compareceram alguns dos participantes do I Congresso de Poesia de Fortaleza, quando falaram Eduardo Campos, Mário de Andrade do Norte e Antônio Girão Barroso. Os pronunciamentos foram feitos sob a ação de forte base etílica, mas nem por isso perderam sua importância histórica, sendo em 1943 reunidos numa plaqueta intitulada *Três Discursos,* já sob a égide das "Edições Clã" e com ilustrações de Antônio Bandeira, posteriormented e fama internacional. É por isso que alguns situam naquela data a formação do Grupo Clã, que, pelo menos, a princípio, não significava família mas resultava das iniciais de um Clube de Literatura e Arte Modernas, CLAM, sigla transformada em CLÃ pelo duplo sentido que de fato encerrava.

Aconteceu que, precisamente nesse tempo, organizou-se no Ceará a filial da Associação Brasileira de Escritores — a ABDE — Secção do Ceará, tendo como Presidente o ficcionista Fran Martins, com obras já publicadas antes desses movimentos da Geração 45. E em uma de suas sessões a ABDE resolveu fundar

uma editora-distribuidora de nossos livros, pois o principal problema dos intelectuais de província não é propriamente a publicação de suas obras mas a sua distribuição, ficando todos ilhados e sentindo necessidade de publicar seus trabalhos no eixo Rio - São Paulo, sem o que continuarão desconhecidos. O nome dessa editora-distribuidora não poderia ser outro senão "Edições Clã". Ainda em 1943 Eduardo Campos publica seu primeiro livro de contos *Águas Mortas*. Seguiram-se outras obras sob o patrocínio das "Edições Clã", como *Escola Rural* de Mário de Andrade do Norte (1943), *Noite Feliz* de Fran Martins (1946) e *Face Iluminada* de Eduardo Campos (1946), até que então surgiu o número inicial da revista *Clã* que tomou a numeração 0 (zero), sob a direção de Antonio Girão Barroso, Aluízio Medeiros e João Clímaco Bezerra. Programou-se uma sessão aberta para o lançamento dessas obras publicadas, oportunidade em que foram lançadas as bases da organização do Terceiro Salão de Abril, sob a responsabilidade da SCAP (Sociedade Cearense de Artes Plásticas) mas com o patrocinio da ABDE — Secção do Ceará e do pessoal de Clã. Anunciados foram, então, livros novos de Fran Martins, Joaquim Alves, Mozart Soriano Aderaldo, Eduardo Campos, Aluízio Medeiros, João Clímaco Bezerra, Stênio Lopes, Braga Montenegro, Antônio Girão Barroso, Lúcia Fernandes Martins, Artur Eduardo Benevides e Otacilio Colares, além de outros trabalhos de quem não se integrava no grupo.

Em reunião da ABDE, realizada na sede do Instituto do Ceará (que apesar de vetusto sempre abrigou e apoiou os novos), Antônio Girão Barroso propôs que se realizasse em Fortaleza um Congresso de Escritores do Ceará (o primeiro, pois houve outro depois). Presentes Fran Martins, Eduardo Campos, Artur Eduardo Benevides, Stênio Lopes, Braga Montenegro, Aluízio Medeiros, João Climaco Bezerra, Antônio Martins Filho, o pintor Mário Baratta e outros, a idéia entusiasmou e as comissões preparatórias foram organizadas. A adesão de outras entidades foi imediata e entusiasmadora. E no dia 7 de setembro de 1947, no Auditorio do Palácio do Comércio, sob a presidência de Antônio Martins Filho (que seria o primeiro Reitor da Universidade Federal do Ceará) e com discurso de Dolor Barreira, foi instalado o Congresso. Ao contrário do primeiro Congresso de poesia do Ceará, cujas sessões preparatórias e de instalação superaram as reuniões de estudo, o Primeiro Congresso de Escritores do Ceará se notabilizou por suas

oito sessões ordinárias, quando importantíssimas teses foram expostas, criticadas e defendidas, para, afinal, adotar-se a opinião do consenso. Uma dessas proposituras foi de Raimundo Girão e visava a criação de uma Secretaria de Cultura na organização administrativa do Estado, somente vitoriosa vinte anos depois, quando assumiu a Governadoria do Ceará o intelectual Plácido Aderaldo Castelo, que escolheu como seus Secretários de Cultura e Administração, respectivamente, Raimundo Girão e Mozart Soriano Aderaldo. Representou a ABDE nesse Congresso o escritor Orígenes Lessa, hoje membro da Academia Brasileira de Letras.

Parecíamos amadurecidos e, em fevereiro de 1948, veio a lume o n.º 1 da revista *Clã*, já sob a direção de Fran Martins, sendo seu Secretário Aluízio Medeiros e tendo como integrantes de seu Conselho de Redação Joaquim Alves, Antônio Girão Barroso, João Clímaco Bezerra, Stênio Lopes e Mozart Soriano Aderaldo. Seguiram-se mais vinte seis números, sendo o último (nº 27) de março de 1981. Prepara-se outro, comemorativo dos quarenta anos do grupo, fixado como ponto inicial o convescote de Mondubim, de 26 de outubro de 1942. (*)

A partir do n.º 6, de dezembro de 1948, o Conselho de Redação foi enriquecido com os nomes de Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro, Eduardo Campos, Moreira Campos e Otacilio Colares. Depois do nº. 11, de dezembro de 1951, deixou de integrar o Conselho de Redação da revista, por se ter retirado do Estado, Stênio Lopes. E em dezembro de 1952, o nº 13 passou a registrar o nome de Joaquim Alves *in memoriam*, porque falecera meses antes. O nº 15 da revista, de fevereiro de 1957, traz outra novidade, qual a reinclusão de Stênio Lopes no seu Conselho de Redação. E a partir do nº 16, de setembro de 1957, passou a integrar o grupo Clã, através da inclusão de seu nome no Conselho de Redação da revista, o cronista Milton Dias. Nesse mesmo nº 16, Artur Eduardo Benevides passou a substituir Aluízio Medeiros como Secretálio da revista, pelo fato de este último se ter mudado para o Rio de Janeiro, passando a constar seu nome no Conselho de Redação do periódico. O nº 26, de janeiro de 1980, publicado quase dez anos depois de ter saido o nº 25 (que é de dezembro de 1970), registrou outra alteração, mantido que foi o nome de Aluízio Medeiros *in memoriam*, por ter falecido em 1972. Homenagem igual prestou-se nesse número da revista a Braga Montenegro,

falecido mais recentemente (novembro de 1979) na Argentina, onde se encontrava em tratamento de saúde. O Conselho de Redação da Revista foi ainda enriquecido nesse nº 26 com a inclusão de outros nomes: Antônio Martins Filho (que já era de fato nosso companheiro desde o início), Cláudio Martins (hoje Presidente da Academia Cearense de Letras e que sempre nos acompanhou com vivo interesse), Pedro Paulo Montenegro e Durval Aires.

Quantos se vincularam a Clã, nesses quarenta anos, não passam de 15 vivos e 3 falecidos, no total 18. Foram eles que representaram bem ou mal (dependendo da opinião do crítico), a Geração 45 no Ceará. O que não pode ser ignorado é o trabalho gigantesco desse grupo no que tange à quantidade de livros publicados durante o periodo em que representou (e parece que ainda representa) a intelectualidade cearense. Farto material para o estudo de quem queira fixar, com justiça, o papel dessa geração no contexto geral da literatura cearense e das letras brasileiras em igual período. Análise que não quero nem posso fazer, por motivos óbvios, cabendo-me tão-somente dizer, porque para tanto me acho autorizado, que o Grupo Clã foi um movimento de convivência de contrarios, havendo nele líderes católicos e militantes comunistas, liberais de centro e socialistas moderados, todos preocupados primordialmente com o fenômeno literario, postas de lado as querelas políticas. Não tendo marca ideológica, ao contrário do que vem sucedendo com outros movimentos, foi-lhe possível manter-se através dos tempos e comemorar, ainda fiel ao seu programa, os quarenta anos de suas atividades. Salientado fique, ainda, que o Grupo Clã compreendeu não somente poesia e prosa de ficção, mas quase todos os setores dos trabalhos intelectuais, não sendo para olvidar o fato de que as artes plásticas cearenses, durante o período de atuação de Clã, muito lhe devem, merecendo destaque a ajuda inicial que deu aos vitoriosos Antônio Bandeira e Aldemir Martins, dentre outros.

Livros e Idéias — 2ª série (1987).

---

* - Posteriormente veio a lume o nº 28, de dezembro de 1982.